

Muita coisa em mistério

por João de Sousa e Jorge Matine

N 1/2/84

Os muitos problemas do Basquetebol moçambicano ocorridos na época transacta, com uma gravidade mais acentuada precisamente no momento em que a Selecção Nacional se encontrava no exterior do País, leva-nos a perguntar se será esta Federação a comandar os destinos da modalidade este ano.

Numa conferência de imprensa, concedida por alguns dos representantes moçambicanos que se deslocaram a Portugal e ao Egipto, pretendeu-se fazer o ponto da situação em relação às divergências entre atletas, técnicos e dirigentes.

Se é verdade que alguns aspectos foram esclarecidos, outros continuam sem resposta. Continuam portanto camuflados.

— Soube-se por exemplo que nenhum dos três treinadores estava demissionário, mas, por estranho que possa parecer, um deles esteve ausente no encontro com os órgãos de Informação. É sintomática esta ausência, até porque, minutos antes, Hélder Nhandamo passou defronte das instalações do Comité Olímpico, local onde se realizou a Conferência de Imprensa.

Não há demissões segundo se afirmou na altura, mas tudo leva a crer que há, pelo menos, grandes divergências entre os treinadores ou, talvez, fuga às responsabilidades atribuídas a cada um deles.

— Não se tocou sequer na possível demissão do Secretário-Geral da Federação, desejo esse manifestado em Lisboa perante alguns dos elementos da Selecção Nacional. A forma como ele (Secretário-Geral) expôs os problemas e clarificou outros, dá-nos a entender que o referido dirigente se vai manter firme no seu posto, na presente temporada. Será assim? Ou será que ele vai cumprir a promessa feita em Lisboa? Não se sabe. Foi assunto que ficou por esclarecer.

— Houve dois jogadores (Tomás Timm e Claudino Dias) que ficaram em Lisboa, acompanhados de um técnico (Hélder Nhandamo), que deveriam ocupar o seu período de permanência na Capital portuguesa, cumprindo um plano de treinamento. Na conferência de imprensa foi dito que os «ausentes» de Alexandria realizaram (no mínimo) o que estava programado. O técnico em questão diz que não se fez nada.

Se não se cumpriu com o plano traçado, por dificuldades de ordem vária, por que será que o Chefe da Delegação, o Coordenador, o Treinador e os dois jogadores não regressaram ao País, conforme tinha sido decidido antes da partida da delegação?

— Considerou-se na conferência

de Imprensa «normal» transportar de Maputo algumas prendas, constituídas por produtos estratégicos de exportação. Até aqui tudo certo, aliás, porque, no exterior do País, era necessário recompensar aqueles que nos auxiliassem.

Só que talvez não fosse muito correcto transportar prendas que ultrapassassem os limites normais (mesmo

A questão levantada desta forma faz-nos chegar à conclusão que as prendas devem ser levadas em função do tempo de permanência no exterior, e não em função de organismos ou pessoas a contemplar.

Estes, quanto a nós, os pequenos exemplos de camuflagem.

Mas estas coisas todas tinham de acontecer, porque logo à partida

gentes e não para atletas. Senão vamos:

Um chefe de Delegação, um dirigente federativo, um coordenador, três treinadores, um massagista, um presidente da Federação e 12 jogadores formam um grupo que é realmente algo que não se consegue compreender.

E este espírito de decisão, de

E os nossos atletas, no Centro de Estágio da Cruz Quebrada, foram os primeiros a comentar.

Eles (os jogadores), que foram os grandes construtores da quinta posição de Alexandria, têm na manga — o que é errado — muita coisa escondida. Só que não o dizem em reuniões, talvez com o receio de que sobre eles caia a retaliação, e não prestam declarações à imprensa porque não estavam autorizados.

A custa dos nossos jogadores, do seu esforço, brio, dedicação e determinação, andam «outros» a fazer os mais inconstantes malabarismos.

No fundo de toda esta questão está o método de funcionamento da FMB, que não pode ser caracterizado, como aconteceu o ano passado, por decisões unilaterais provocadas por desentendimentos de ordem pessoal entre dirigentes federativos.

Este tipo de atitude da Federação leva ao desvio e a que os aspectos fundamentais não se cumpram. E o mais curioso é que, a nível da estrutura estatal do Desporto, não houve a sensibilidade e preocupação para controlar a acção da Federação e encaminhar as «coisas» para o rumo certo. Deixou-se o barco andar à deriva, navegando em águas turvas. O resultado está à vista.

E esta Federação que queremos para esta época?

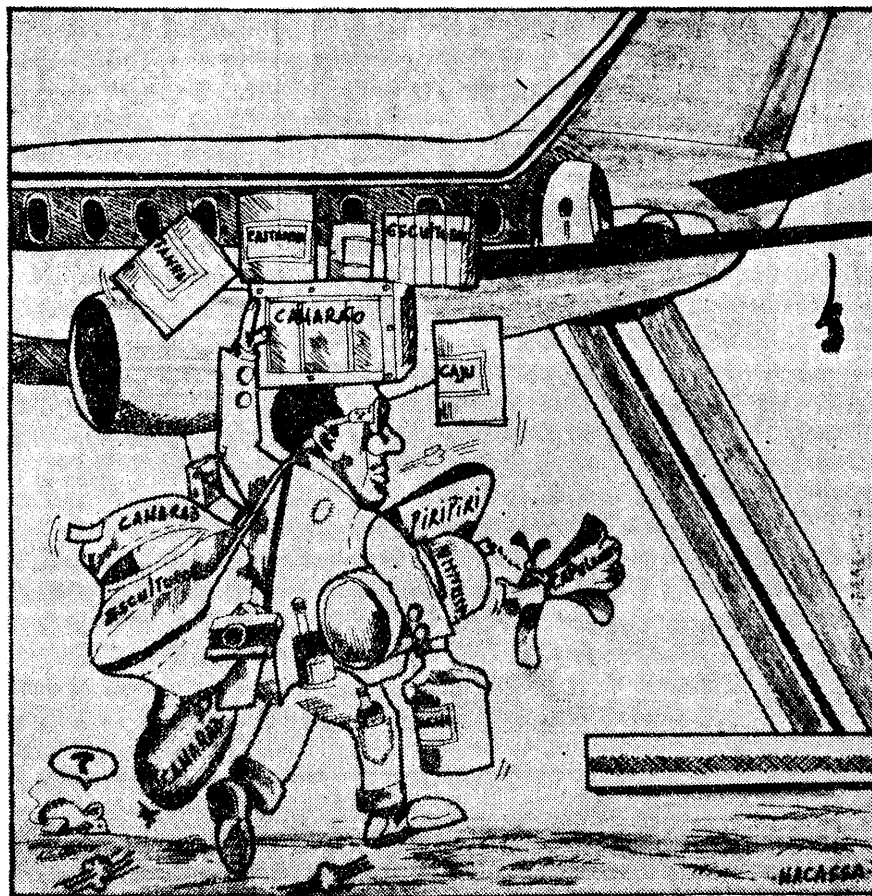
Rectificações são necessárias, para benefício da própria modalidade. Consideramos importante dotar esta Federação de elementos capazes de pôr em prática os princípios definidos na recente reunião do Desporto, realizada na cidade da Beira, no que respeita ao método de funcionamento de um organismo ginmo-desportivo.

Esta acção deve ser acompanhada por um controlo, tão rigoroso quanto possível, da sua actividade e da sua forma de gestão, tendo em conta que ela, no seu todo, é responsável pelo harmonioso desenvolvimento técnico da modalidade.

E este controlo deve fazer sentir-se a partir da estrutura estatal do Desporto. Sem a observância destes princípios básicos, torna-se difícil chegar ao ponto desejado.

Acreditamos na possibilidade de se cumprir com o que está superiormente preconizado. O trabalho benéfico é possível, da conjugação de esforços entre atletas, técnicos e dirigentes, porque o homem é o factor fundamental para que as coisas se façam.

Elas não aparecem feitas, disso podemos ter a certeza.



que autorizados superiormente), considerando, como se afirmou, que o tempo de permanência fora de Moçambique iria ser longo (dois meses).

não houve coerência de princípios quanto à composição da Delegação, a tal ponto que se pretendeu transformar o estágio em estágio para diri-

fazer concentrar em Portugal oito dirigentes e 12 jogadores, cria problemas de mau relacionamento e dá azo a comentários nada favoráveis.